

## **ANEXO I - INSPIRAÇÕES ARTÍSTICAS**

O Projeto BTCA Memórias em Movimento é uma iniciativa de pesquisa do Balé Teatro Castro Alves (BTCA) que tem como objetivo preservar e consolidar as memórias da companhia, por meio de pesquisas artísticas desenvolvidas sob a orientação de bailarinos do elenco e supervisionadas por uma assessoria educacional. O projeto integra as comemorações dos 45 anos do BTCA, reafirmando o papel da companhia como agente difusor da dança e da cultura na Bahia, além de ampliar o acesso à linguagem da dança e estimular novos olhares, interesses e vocações artísticas.

Como forma de orientar e inspirar os processos criativos a serem desenvolvidos no âmbito do projeto, a seguir serão apresentadas algumas sugestões de possibilidades de investigação. Essas indicações têm caráter orientador e visam oferecer referências que contribuam para o desenvolvimento das propostas artísticas, estimulando diferentes abordagens, perspectivas e processos de criação a partir das memórias e da trajetória do BTCA. Abaixo estão as provocações artísticas, e o artista pesquisador pode investigar outros eventos, episódios e/ou espetáculos do BTCA.

### **1. MEMÓRIAS EM MOVIMENTO ESPETÁCULOS MARCANTES DA COMPANHIA AO LONGO DOS SEUS 45 ANOS**

#### **1.2. ILHAS - 1981**

Ilhas é uma obra emblemática do Balé Teatro Castro Alves (BTCA), criada em 1981 pelo coreógrafo espanhol Víctor Navarro como parte do repertório inaugural da companhia. Desde sua estreia, a coreografia consolidou-se como um marco fundacional do BTCA, sublinhando seu espaço enquanto expoente da dança contemporânea na Bahia. A obra investigou temas densos e universais característicos da poética de Navarro, estabelecendo um diálogo sensível entre corpo, espaço e memória, no qual o movimento se torna veículo para a exploração de estados emocionais, tensões internas e experiências humanas profundas.

Sua relevância histórica e artística motivou a remontagem em 2008, no âmbito do projeto BTCA Memória da Dança, iniciativa dedicada à preservação, atualização e reativação das criações mais significativas da trajetória da companhia, realizado em parceria com o Centro de Formação em Artes da FUNCEB. Nesse contexto, Ilhas reafirma seu lugar no repertório do BTCA como uma obra que atravessa o tempo, mantendo viva a potência de sua proposta estética e a reflexão sobre a condição humana.

No universo simbólico que atravessa a obra, destaca-se a dimensão do sonho e do sono como territórios de suspensão e de mistério. O sono, entendido como complemento do amor, apresenta-se como um repouso tranquilo que se projeta sobre dois corpos, mas também como um mergulho solitário e profundo na experiência do desconhecido. Trata-se de um deslocamento íntimo e arriscado, no qual o indivíduo, despido de defesas, se lança todas as noites em um oceano sensível onde tudo se transforma: cores, densidades, ritmos e percepções. Nesse espaço onírico, onde o tempo parece dissolver-se, reencontram-se memórias, presenças e até mesmo aqueles que já partiram, revelando o sono como um território simbólico de encontros, travessias e reconexões com dimensões ocultas da experiência humana.

FICHA TÉCNICA | **Criação Coreográfica:** Víctor Navarro | **Música:** King Crimson | **Figurino:** J. Cunha | **Cenografia:** J. Cunha | **Iluminação:** Enrico Allatta

### 1.3. SAURÊ - 1982

Saurê, inspirado no mito da criação e no nome de um canto dedicado a Oxalá, propõe uma leitura cênica profundamente conectada às matrizes culturais afro-brasileiras. De acordo com o coreógrafo Carlos Moraes, a obra busca traduzir esse mito em uma linguagem própria da dança, enraizada na cultura baiana, evitando estereótipos e um tratamento folclorizado voltado à exportação. O espetáculo articula corpo, música e dimensão ritualística, construindo uma experiência estética que dialoga com a ancestralidade, a identidade e o pertencimento.

A saudação Saurê marca simbolicamente o início de um ritual cênico em que as figuras de Obatalá e Odudua representam os opostos primordiais da mitologia africana: céu e terra, princípio e matéria, a primeira centelha e a água que conduz

e sustenta a vida. A partir dessa dualidade fundadora, a coreografia desenvolve uma narrativa simbólica sobre o surgimento da consciência e da experiência humana.

Nesse percurso mítico surgem o ego e a individualização do ser, acompanhados por tensões, conflitos e pela ideia de guerra, representada pela presença de Ogum. O amor também ocupa lugar central nessa travessia simbólica: belo e carregado de promessas de felicidade, encontra em Oxum sua expressão de defesa e sensibilidade, enquanto Xangô e Iansã aparecem como forças complementares, companheiros e rivais que movimentam o equilíbrio entre poder, paixão e transformação.

A morte, entendida não como fim, mas como transformação natural das coisas, manifesta-se na figura de Omulu, orixá temido e profundamente respeitado, cuja presença remete aos ciclos inevitáveis da existência. Ao longo desse processo, à medida que a consciência se amplia e o mundo interior se aprofunda, a criatura renasce simbolicamente em reconexão com o criador, reafirmando o princípio de continuidade entre vida, natureza e espiritualidade.

A obra é atravessada pela força simbólica da mitologia africana, cuja sabedoria milenar se fundamenta na observação da natureza e na compreensão de seus fenômenos. Essa visão de mundo impressiona e deslumbra pela beleza com que interpreta a vida e seus ciclos, aspectos que, muitas vezes, foram sendo esquecidos ou sufocados por um modelo de progresso cada vez mais acelerado e ameaçador. Em Saurê, essa cosmologia ressurgiu como potência poética e filosófica, convidando o público a revisitar, por meio da dança, a relação entre a humanidade, a memória e a natureza.

**Ficha Técnica | Criação Coreográfica:** Carlos Moraes | **Música Original:** Emília Biancardi | **Figurino:** J. Cunha | **Cenografia:** J. Cunha | **Adereços:** Afonso César e Paulo Caldas | **Iluminação:** José Rubens Siqueira

#### **1.4. Sertania - O Boi Misterioso - 1984**

Criada originalmente em 1982, Sertânia – O Boi Misterioso é uma obra que constrói uma representação poética do imaginário sertanejo, inspirada no clássico da literatura de cordel “A História do Boi Misterioso”, de Leandro Gomes de Barros, escrito no final do século XIX. A coreografia aborda temas como a seca, a cultura

do sertão e a relação simbólica entre o vaqueiro e o boi, elementos que atravessam a memória cultural do Nordeste. Nesse universo, a figura do boi ultrapassa o plano do real e assume um caráter metafórico: segundo a coreógrafa Lia Robatto, “ele surge como uma espécie de ‘esfinge’, imagem do desejo e da busca incessante para preencher uma ausência ou enfrentar um desafio interior.”

Inspirada nessa narrativa clássica da literatura de cordel, a obra apresenta a lenda de um boi encantado que desafia a força, a coragem e a astúcia do vaqueiro mais habilidoso. A partir desse motivo recorrente da cultura popular nordestina, o espetáculo constroi um painel simbólico da vida no interior da Bahia, evocando paisagens, gestos e experiências que marcam o cotidiano do sertanejo. O Boi Misterioso, nesse contexto, encarna o confronto permanente entre a natureza e o homem do sertão, revelando tanto a dureza quanto a resistência presentes nesse território.

Por meio de uma abordagem lírica e simbólica, a coreografia incorpora influências culturais que remontam a tradições antigas, inclusive referências que dialogam com imaginários medievais presentes nas narrativas populares. Ao mesmo tempo, evidencia o caráter místico e mágico do sertão, destacando suas festas, crenças, rituais e modos de vida. Assim, Sertânia – O Boi Misterioso apresenta um retrato sensível do universo sertanejo, revelando a riqueza simbólica de sua cultura e a singularidade do modo de ser e existir do povo do interior.

**Ficha Técnica** | **Criação Coreográfica:** Lia Robatto | **Música Original:** Ernst Widmer | **Figurino:** Márcio Meirelles | **Iluminação:** Enrico Allatta e Irma Vidal

### 1.5. Sanctus - 1985

Sanctus é concebido como uma oração física, uma prece que se manifesta por meio do corpo. Trata-se de uma oração sussurrada e, ao mesmo tempo, gritada pelos gestos, pelos movimentos e pela presença corporal em cena. Nessa perspectiva, o corpo torna-se o espaço onde se expressa o contínuo pedido de renovação de energia, revelando-se como oferenda viva que se coloca em ação de graças.

A obra propõe a ideia de um corpo que louva o “Altíssimo” por meio do elemento mais primordial e direto que lhe foi concedido: o próprio movimento. Nesse sentido, a dança se apresenta como um ato de celebração e consciência, no qual o ser

humano reconhece, por meio do corpo, sua condição de partícipe da plenitude do universo. O gesto coreográfico torna-se, assim, um canal de conexão entre matéria e espiritualidade, entre a experiência humana e a dimensão do sagrado.

Ao longo dessa experiência simbólica, o corpo pede luz, uma luz capaz de transformá-lo para além de seus próprios limites. Esse processo de transformação conduz a um estado de revelação, em que o corpo se apresenta despido de suas camadas, vulnerável e, ao mesmo tempo, pleno de potência. Humilde diante do mistério da existência, mas também orgulhoso da grandeza que lhe foi concedida, o corpo se afirma como instrumento de louvor, de consciência e de transcendência. Em Sanctus, a dança torna-se, portanto, a própria oração do corpo.

**Ficha Técnica | Criação Coreográfica:** Luis Arrieta | **Música:** David Fanshave | **Figurino:** Luis Arrieta | **Cenografia:** Luis Arrieta | **Execução de Figurino:** Afonso César | **Iluminação:** Irmã Vidal e Luis Arrieta

## 1.6. Retratos da Bahia - 1990

Retratos da Bahia constitui um marco na trajetória da companhia e na cena da dança contemporânea brasileira. Inspirado no olhar antropológico e fotográfico de Pierre Verger, o espetáculo se debruça sobre o cotidiano da Bahia, transformando cenas da vida diária em imagens poéticas construídas por meio do movimento, da cor e do ritmo.

Com roteiro e coreografia de Debby Growald e música de Caetano Veloso, a obra articula diferentes linguagens artísticas, combinando dança, música e expressões da cultura popular. Em sua composição coreográfica, o espetáculo dialoga com referências corporais e sonoras presentes na capoeira, no samba e na percussão baiana, criando uma atmosfera cênica que evoca as múltiplas dimensões da vida cultural do estado.

Ao integrar tradição e contemporaneidade, Retratos da Bahia constrói um diálogo sensível entre memória, identidade e cultura local. A obra traduz, por meio da dança, gestos, ritmos e experiências que atravessam o imaginário coletivo, transformando o cotidiano em expressão artística e revelando, no palco, a força simbólica e a vitalidade do espírito do povo baiano.

**Ficha Técnica | Criação Coreográfica:** Debby Growald | **Trilha Sonora:** Debby Growald, Caetano Veloso e Marcelo Fonseca | **Figurino:** Márcio Meirelles | **Cenografia:** Márcio Meirelles | **Iluminação:** Jorginho de Carvalho

### 1.7. Pracatum - 2002

**Pracatum (2002)** é uma obra que se destaca por um processo criativo singular, no qual a trilha sonora e a coreografia foram concebidas simultaneamente. Esse diálogo direto entre música e movimento permitiu a construção de uma experiência cênica integrada, na qual som e dança se desenvolvem em constante correspondência. O balé propõe uma ilustração abstrata do universo percussivo de uma possível Bahia dançante e festiva, evocando atmosferas vibrantes que dialogam com a energia cultural e musical do estado.

Em sua concepção estética, a obra incorpora, de forma intencional, elementos de reciclagem sonora e coreográfica, explorando tonalidades, texturas, timbres, formas e frases de movimento que se reorganizam em novas combinações. O resultado é um ambiente onírico, no qual luz, música e dança se entrelaçam para conduzir o olhar e a escuta do espectador por uma espécie de viagem sensorial. Nesse percurso, a cena se organiza como um grande quebra-cabeça de sons, cores e gestos, em que cada elemento contribui para a construção de um universo poético e dinâmico.

A trilha sonora do espetáculo, concebida por Carlinhos Brown, se afasta de categorias tradicionais. Em vez de se definir como uma sinfonia percussiva, ela se apresenta como uma “sinfonia”, termo que sugere renovação, juventude e liberdade criativa. Essa ideia reforça o caráter experimental da obra, que propõe uma relação mais aberta e contemporânea com a música e com a própria tradição do balé. Nesse sentido, a composição assume um espírito leve e provocativo como uma presença que circula livremente pelo espaço cênico, quase como um bailarino invisível que participa da coreografia.

Assim, a música não se apresenta como uma estrutura fechada, mas como uma composição viva, em transformação permanente. Cada gesto, cada impacto do corpo no palco e cada nova execução do espetáculo produzem variações na percepção do conjunto. Em *Pracatum*, dança e música se alimentam mutuamente, criando uma obra em constante movimento, em que o som acompanha e se reinventa a partir da energia e da presença dos corpos em cena.

**Ficha Técnica | Criação Coreográfica:** Tíndaro Silvano | **Trilha Sonora:** Carlinhos Brown | **Figurino:** Marcos Paulo Rolla | **Cenografia:** Marcos Paulo Rolla | **Iluminação:** Irma Vidal

### **1.8. S/ título - 2008**

S/ título (2021) é uma criação do Balé Teatro Castro Alves inspirada na peça Die Stunde, da wir nichts voneinander wussten, de Peter Handke, conhecida em português como “A hora em que não sabíamos nada uns dos outros”. A dramaturgia do espetáculo foi concebida pela diretora e dramaturga alemã Nelke Franke, em cocriação com Felícia de Castro, em um processo de criação desenvolvido em conjunto com o elenco da companhia.

A obra parte de uma dramaturgia sem palavras, na qual a narrativa se constrói por meio da relação rítmica entre o espaço vazio e sua ocupação. O cenário evoca uma praça, qualquer espaço público por excelência onde surgem transeuntes anônimos, fragmentos de histórias privadas e vestígios de trajetórias humanas que se cruzam continuamente.

Nesse ambiente, os corpos habitam uma zona liminar entre a realidade cotidiana e sua possível distorção. Os personagens emergem como figuras solitárias que, embora não necessariamente se reconheçam, compartilham o mesmo fluxo de passagem, integrando-se ao paradigma do “ir e vir” característico da vida urbana. Transformados em imagens atuantes, esses corpos revelam pequenas narrativas silenciosas, biografias efêmeras que se cruzam, formam constelações de sentido e evidenciam a simultaneidade paradoxal do mundo contemporâneo.

O processo de criação foi eminentemente coletivo, articulando teatro e dança em uma investigação sobre o corpo em cena e a manifestação artística como forma crítica de leitura da realidade. A dramaturgia fragmentada serviu de estímulo para improvisações individuais e coletivas, nas quais o gesto se torna o principal elemento comunicativo, exigindo novas formas de utilização do corpo e um questionamento constante do movimento como ação significativa.

A criação investiga a potência da presença física e a capacidade do movimento de expressar aquilo que não pode ser verbalizado. Por meio de gestos intensos e de uma fisicalidade marcada, o espetáculo aborda temas como a fragilidade da vida, a intensidade das emoções e as múltiplas possibilidades de comunicação não verbal.

A heterogeneidade do grupo e a contribuição singular de cada intérprete resultam em uma multiplicidade de linguagens em cena. Assim, S/ título se apresenta menos como um resultado fechado e mais como um percurso de investigação artística — um espaço de experimentação, encontro e descoberta, no qual o movimento se torna uma ferramenta de reflexão sobre a experiência humana contemporânea.

**Ficha Técnica | Criação Coreográfica:** Nelke Franke | **Co-Criação:** Felícia de Castro | **Trilha Sonora:** Flexa II | **Assessoria de trilha sonora:** Luciano Bahia e Fernando Bittencourt | **Figurino:** Diana Moreira e Alice Santos | **Cenografia:** Igor Sousa, Cinthia Santos e Marcos Nunez | **Iluminação:** Fábio Espírito Santo

### 1.9. Engenho - 2008

Engenho (2008) é um espetáculo inspirado no Brasil colonial e em seus desdobramentos contemporâneos, propondo uma reflexão cênica sobre as permanências históricas que atravessam a formação social e cultural do país. Criada pelo coreógrafo Felix Huckert, a obra desenvolve uma abordagem que valoriza a interseção entre diferentes linguagens artísticas, combinando movimento, teatralidade e composição sonora em uma dramaturgia física de forte impacto imagético.

A criação parte do universo simbólico do açúcar, elemento central na história econômica e política do Brasil. Mais do que um produto agrícola, o açúcar é tratado na obra como um agente histórico de tensões e conflitos. Como aponta o pesquisador Al Imfeld, o açúcar pode ser compreendido como um elemento que atravessa sistemas sociais, econômicos e políticos, gerando disputas e transformações profundas. Em Engenho, esse imaginário serve de ponto de partida para refletir sobre as estruturas de poder, exploração e desigualdade que se originam no período colonial e ainda reverberam no presente.

O espetáculo é estruturado em três partes distintas: “A Viagem”, “O Engenho” e “A Morte”. Na primeira parte, o foco recai sobre temas como perda, dissolução, mistura e fragmentação. As estruturas de tempo e espaço se tornam instáveis, diluindo-se em um fluxo contínuo de ruídos e movimentos que sugerem deslocamentos, transformações e rupturas.

Na segunda parte, intitulada “O Engenho”, a dramaturgia concentra-se nos processos de produção, de trabalho e de resistência. Elementos como repetição,

monotonia, esgotamento e arbitrariedade evocam as dinâmicas históricas do trabalho nos engenhos de açúcar, revelando tanto a dureza quanto a persistência das relações sociais que marcaram esse sistema produtivo.

A terceira parte, “A Morte”, aborda o medo da finitude e as estratégias de sobrevivência diante de um contexto de opressão. Nesse momento, a obra sugere tentativas de fuga, esperança e transformação, ampliando o campo simbólico da narrativa.

A trilha sonora foi criada em colaboração com o músico DJ Boeing, combinando música eletrônica minimalista com canções de intérpretes da música popular brasileira. Essa paisagem sonora amplia as camadas sensoriais e simbólicas do espetáculo, contribuindo para a construção de uma atmosfera que articula passado e presente, memória histórica e reflexão contemporânea.

**Ficha Técnica | Criação Coreográfica:** Felix Huckert | **Trilha Sonora:** DJ Boeing | **Figurino:** Daniella Wedhorn e Iurgen Wedhorn | **Cenografia:** J. Cunha | **Iluminação:** Isabelle Fuchs

#### **1.10. 1POR1PRAUM - 2010**

1POR1PRAUM (2010) é uma das criações mais originais do repertório do Balé Teatro Castro Alves, concebida e dirigida artisticamente por Jorge Vermelho, com supervisão coreográfica de Renata Melo. A obra se destaca por propor uma experiência cênica intimista e singular, estabelecendo uma relação direta e sem mediações entre o artista e o público. Nesse formato, a proximidade entre intérprete e espectador intensifica a percepção do gesto, da respiração e da presença cênica, transformando o encontro em uma experiência sensorial e subjetiva.

O espetáculo parte do tema do confessionário, explorando diferentes possibilidades simbólicas associadas à ideia de confissão, à escuta e à partilha de segredos. A estrutura cênica é composta por dez cabines individuais, cada uma com aproximadamente dois metros de profundidade, um metro de largura e dois metros de altura. Em cada cabine, um único bailarino recebe um único espectador por vez, criando um espaço reservado e concentrado onde se desenvolve o desempenho.

Nesse ambiente íntimo, a dança se articula com investigações cênicas que dialogam com outras linguagens artísticas, construindo pequenas experiências performativas que funcionam como atos de confissão. Cada encontro tem duração aproximada de cinco minutos, configurando um momento breve, porém intenso, em que o espectador participa de um gesto artístico pensado especificamente para essa relação individual.

Ao propor essa dinâmica, 1POR1PRAUM convida o público a experimentar um estado distinto daquele marcado pela velocidade e pela dispersão da vida urbana. A obra cria um intervalo de pausa e introspecção, funcionando como um recorte sensível no fluxo cotidiano. Nesse espaço de partilha, a experiência artística se aproxima de um espelho simbólico que reflete os desejos, as inquietações e as angústias do ser humano.

Assim, a confissão torna-se um gesto poético: um segredo que é revelado momentaneamente e compartilhado em forma de dança, para logo em seguida retornar ao silêncio e ao recolhimento. A obra reafirma a potência do encontro entre artista e espectador, destacando a dimensão íntima, efêmera e transformadora da experiência cênica.

**Ficha Técnica | Concepção e direção artística:** Jorge Vermelho | **Supervisão Coreográfica:** Renata Melo | **Trilha Sonora:** Jorge Vermelho e Renata Melo | **Figurino:** Rino Carvalho | **Cenografia:** Jorge Vermelho | **Produção cenográfica:** Duarte Júnior | **Iluminação:** Irma Vidal

### 1.11. Essa Tempestade - 2011

Essa Tempestade (2011) é uma obra do Balé Teatro Castro Alves que, no ano em que a companhia celebrou seus trinta anos de fundação, mergulha no universo simbólico da tempestade para refletir sobre temas como poder, vingança, amor, colonização e a busca permanente pela liberdade. Inspirado livremente na peça *The Tempest* de William Shakespeare, o espetáculo desloca a ideia de tempestade do plano estritamente narrativo para uma dimensão simbólica e subjetiva, investigando tanto as turbulências internas do indivíduo quanto as tensões históricas que atravessam a formação cultural brasileira.

Com coreografia de Claudio Bernardo, a obra propõe uma reflexão sobre o processo colonizador e suas permanências no presente. Em cena, emergem

relações marcadas por dominação, resistência e desejo de emancipação, revelando fissuras que expõem as múltiplas camadas que compõem o povo brasileiro. Nesse contexto, a figura de Ariel, símbolo máximo de liberdade na dramaturgia original, surge como representação do espírito libertário, em contraste com estruturas de poder, aprisionamento e disputa que atravessam a história.

A criação evidencia a dualidade entre o desejo de liberdade e os caminhos historicamente colonizados que moldam as experiências humanas. A partir dessa tensão, o espetáculo evidencia questões profundas sobre a condição humana, sua busca por conquistas materiais e as contradições presentes nas relações de poder. Nesse universo simbólico, a liberdade não pode coexistir com práticas duradouras de opressão, vingança ou dominação.

Em sua dimensão poética, Essa Tempestade sugere que as marcas da história permanecem inscritas no tempo e no espaço como rastros deixados na areia que se refazem continuamente. A tempestade, nesse sentido, torna-se metáfora de um movimento infinito de transformação, no qual o ser humano busca alcançar a liberdade que talvez se encontre no centro do furacão, no núcleo mais íntimo do ciclone ou mesmo na matéria dos sonhos, de onde também se origina a experiência humana.

**Ficha Técnica | Concepção e criação coreográfica:** Claudio Bernardo | **Trilha Sonora:** Yves de Mey | **Dramaturgia e vídeo:** Armando Menicacci | **Figurino:** Claudio Bernardo | **Cenografia:** Claudio Bernardo | **Produção de Figurino e Cenografia:** Zuarte Júnior | **Iluminação:** Nixon Fernandes | **Preparador Vocal:** Marcelo Jardim | **Inspiração dramaturgica:** livremente inspirada na peça A Tempestade, de William Shakespeare

## 1.12. Ou Isso - 2012

Ou Isso (2012) é um espetáculo do Balé Teatro Castro Alves (BTCA), criado pelos coreógrafos Jomar Mesquita e Rodrigo de Castro, sob a direção artística de Jorge Vermelho. Livremente inspirado na obra do poeta Manoel de Barros, o trabalho parte da ideia de “transver” o mundo, conceito recorrente em sua poesia que propõe ultrapassar o olhar habitual para descobrir novas camadas de sentido na realidade.

Sob esse prisma, ora focado, ora desfocado, os bailarinos foram provocados, ao longo do processo de criação, a ressignificar o que veem e a experimentar um olhar livre de modelos cristalizados. O espetáculo convida intérpretes e espectadores a transpor sentidos e a reinventar a percepção do cotidiano, adotando uma perspectiva ao mesmo tempo ingênua, lúdica e profundamente sensível.

Durante o processo criativo, o elenco mergulhou no universo poético do autor, frequentemente chamado de “esticador de horizontes”, por meio de documentários, filmes e experimentações práticas em estúdio. A partir dessas investigações, foram elaboradas ações cênicas que buscavam deslocar o olhar cotidiano e instaurar novas possibilidades de imaginar e reinventar o mundo por meio da dança.

A coreografia também dialoga com elementos revisitados da dança de salão, linguagem que aparece ressignificada dentro de uma estética contemporânea. Esse recurso amplia o campo expressivo da obra e reforça o caráter híbrido do espetáculo, no qual poesia, humor, delicadeza e estranhamento se combinam para criar uma experiência sensível e inventiva.

Em cena, os bailarinos exercitam corpo, imaginação e afeto para sugerir novas formas de perceber a realidade. Assim, ...Ou isso propõe uma dança que nasce da poesia e da curiosidade diante do mundo, convidando o público a abandonar certezas e a experimentar um olhar mais livre, capaz de descobrir beleza e sentido nas pequenas coisas.

**Ficha Técnica | Criação Coreografia:** Jomar Mesquita e Rodrigo de Castro | **Seleção musical e sonoplastia:** Jomar Mesquita | **Cenografia:** Ed Andrade | **Figurino:** Claudia Schapira | **Iluminação:** Irma Vidal

### 1.13. LUB DUB - 2017

Lub Dub (2017) é uma criação do Balé Teatro Castro Alves (BTCA) concebida especialmente para a companhia pelo coreógrafo, dançarino e compositor sul-coreano Jae Duk Kim, diretor artístico da Modern Table Dance Company. A obra se destaca no repertório recente do BTCA por sua forte abordagem rítmica e pela investigação do corpo em diálogo direto com a pulsação sonora e energética do movimento.

O título do espetáculo faz referência aos sons das batidas do coração — “lub” e “dub” — que, na medicina, designam os dois primeiros sons cardíacos, produzidos pela abertura e pelo fechamento das válvulas responsáveis pela circulação do sangue. A partir dessa ideia, a coreografia transforma a pulsação vital em metáfora para refletir sobre a vida, a humanidade e a energia que sustenta o movimento do corpo. Em cena, o corpo aparece como um organismo vivo que pulsa, respira, medita, protesta e luta.

A estrutura coreográfica desenvolve-se a partir de uma dinâmica intensa que alterna momentos de tração e estremeção, de dinamismo e relaxamento, de silêncio e de explosão sonora. A percussão, tanto como estímulo musical quanto como impulso físico, orienta o movimento dos intérpretes, criando uma dramaturgia corporal marcada por vibração, repetição e estados de energia contrastantes. Essa oscilação entre ritual e contemporaneidade é uma das características marcantes da linguagem de Jae Duk Kim, que constrói uma coreografia de forte impacto físico e sensorial.

Em cena, o elenco do BTCA desenvolve uma composição coletiva em que os corpos funcionam como extensões da própria pulsação musical. O espetáculo articula diferentes atmosferas cênicas, conduzindo o público por uma experiência coreográfica que evidencia a potência do ritmo e da presença corporal. A alternância entre tensão e suspensão cria um fluxo contínuo de energia, no qual o movimento se organiza como um ciclo vital que nasce, expande-se e transforma-se constantemente.

Desde sua estreia, Lub Dub tornou-se uma das obras mais reconhecidas da fase recente da companhia, sendo considerada um dos dez espetáculos de dança mais importantes de 2017 pela revista *Bravo!* E circulando por diversos festivais e cidades do Brasil, além de apresentações internacionais, como na Colômbia.

**Ficha Técnica | Coreógrafo:** Jae Duk Kim (Coreia do Sul) | **Concepção e Criação da Trilha Sonora:** Jae Duk Kim | **Design de Luz:** Irma Vidal | **Concepção do Figurino:** Jae Duk Kim | **Figurista:** Zuarte Jr.

#### 1.14. VIRAMUNDO - 2022

Viramundo é um espetáculo do Balé Teatro Castro Alves (BTCA) criado como homenagem aos 80 anos de Gilberto Gil, um dos maiores nomes da música

brasileira e figura central da cultura baiana. A montagem reúne em cena todo o elenco da companhia, em diálogo com a Orquestra Afrosinfônica, sob a regência do maestro Ubiratan Marques, responsável pela trilha sonora original. O espetáculo tem direção e criação coreográfica de Duda Maia e foi concebido como uma celebração da obra e do pensamento artístico de Gil, transformando sua música e sua poética em matéria coreográfica.

Inspirada na canção Viramundo, a obra constrói um percurso sensível pela diversidade estética e temática presente na trajetória do artista. Em cena, dança e música se entrelaçam em um roteiro construído a partir de um diálogo criativo entre Duda Maia e Ubiratan Marques, no qual a coreografia nasce da escuta musical e a música se reorganiza à luz da presença dos corpos em movimento. O resultado é um espetáculo que articula tradição e contemporaneidade, conectando ancestralidade e futuro, raízes e profecias, sertão e litoral, ecologias e tecnologias.

A criação valoriza a diversidade do elenco do BTCA, reunindo artistas de diferentes gerações, formações e experiências. Esse encontro se traduz em uma abordagem democrática de criação, na qual a autenticidade e a espontaneidade do movimento ganham destaque. Em cena, emergem gestos de acolhimento, afeto e pertencimento, revelando uma dança que celebra a pluralidade e a vitalidade da cultura brasileira.

Estruturalmente, o espetáculo se organiza na Suíte Viramundo, composta por três movimentos que evocam diferentes dimensões do universo artístico de Gilberto Gil. O primeiro movimento, Sertão, dialoga com paisagens e memórias do interior nordestino, reunindo composições como a Ladainha de São José (domínio público), Coragem pra Suportar, de Gilberto Gil, além de obras de Ubiratan Marques, como A Feira, Brejo Grande, Saudade e Xangô, entre outras que evocam a força simbólica do sertão.

O segundo movimento, Tropicália, revisita o espírito inventivo do movimento tropicalista, articulando música, política e experimentação estética. Nesse trecho aparecem referências à canção Geleia Geral, de Gilberto Gil e Torquato Neto, além de composições e arranjos que dialogam com a atmosfera crítica e provocadora que marcou aquele período da música brasileira.

O terceiro movimento, Expresso 2222, sugere um percurso de abertura e celebração, reunindo obras como Sobre o Amor, O Abraço e Oxalá, entre outras

composições que evocam encontros, espiritualidade e alegria coletiva. Ao longo dessa travessia musical e coreográfica, o espetáculo constrói um panorama sensível da obra de Gilberto Gil, revelando sua capacidade de atravessar tempos, linguagens e gerações.

Em Viramundo, a dança se aproxima do espírito inventivo da música de Gil, transformando o palco em um espaço de celebração, de encontro e de liberdade criativa. A obra reafirma a potência da arte como lugar de partilha e festa, onde música e movimento se encontram para homenagear um artista cuja trajetória permanece profundamente ligada à vida cultural e simbólica do Brasil.

**Ficha Técnica | Idealização:** Ana Paula Bouzas | **Direção e Criação Coreográfica:** Duda Maia | **Música Original (Composição, Arranjos e Regência):** Ubiratan Marques e Orquestra Afrosinfônica | **Assistentes de Coreografia:** Anna Paula Drehmer e Ticiane Garrido | **Cenografia:** Renata Mota e Igor Liberato | **Figurino:** Dendezeiro | **Iluminadora Convidada:** Adriana Ortiz | **Preparador Vocal Convidado:** Marcelo Jardim